



GEOGRAFICIDADE, ESPAÇO E MUNDO¹

Ruy Moreira²

Sumário: Geograficidade é o modo de olhar e entender o mundo da Geografia. A chave da teoria com que ela vê, abarca e compreende o mundo. A forma sintética com que se recria e se renova a partir dos anos 1970.

Palavras-chave: espaço, mundo, geograficidade

A geograficidade é um conceito que brota da renovação dos anos 1970, do qual espaço e mundo são categorias centrais e recíprocas. O ser-estar do homem no mundo e o mundo como o ser-estar do homem. O mundo que se organiza e se vê como espaço. O espaço que se organiza e se vê como mundo. Uma reciprocidade de veres e existires, que abre para um discurso geográfico de espaço-mundo de largo espectro. E exprime o olhar da Geografia dos anos pós-1970.

Trata-se de olhar e ver o mundo vivido por um prisma de ver que não existia, ou existia de forma apenas implícita na geografia clássica. Mas que era preciso que passasse a aparecer explicitamente.

Em busca dos conceitos

Tornou-se corrente pensar analiticamente a Geografia tomando por base o antes e o depois dos anos 1970. A prática referida à grande mudança de enfoque que o pensamento geográfico conhece naquela década e que a leitura corrente designa geografia crítica. Rer ler o conceito do espaço foi o ponto de partida. É quando o enfoque espacial, já então centrador do discurso geográfico, ganha um novo caráter e conteúdo, reforçando, sob nova forma, a sua centralidade.

Até então tomado como um já dado sobre o qual as sociedades se projetam, tirando daí seu

¹ Parte de um trabalho em preparo mais amplo de revisão da Geografia.

² Professor dos programas de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ)

modo de organizar-se, o espaço passa a partir de então a ser compreendido como um produto da construção histórica da sociedade pelos homens, espaço e espaço casando a condição de um histórico-produzido recíproco. O pressuposto é que produzir a sociedade é produzir o espaço e, reciprocamente, produzir o espaço é produzir a sociedade, o modo de produção da sociedade sendo o modo de produção do espaço e o modo de produção do espaço sendo o modo de produção da sociedade, lembrando a forma como Milton Santos traz para a Geografia a forma como Henri Lefebvre então dialetiza a relação sociedade-espaço no campo da Filosofia e da Sociologia (Santos, 1978; Lefebvre, 2013). Sociedade e espaço formando um par recíproco.

Não basta tal trajetória de mudança, entretanto, de vez que para tanto é preciso rever o próprio discurso da Geografia. Tomar-se o espaço como referência de existência, mas para pensar-se crítica e reciprocamente o mundo.

É quando olhar o antes para olhar-se o para frente torna-se o exercício da mudança. Ir a todo o pensamento geográfico progressivo, desvelando ter ele por conteúdo axial a relação homem-espaço-natureza por excelência. É o caminho do então desejado encontro da geografia humana e da geografia física numa identidade uno-diversa de discurso.

O antes

Até a década de 1970 a Geografia vive a peculiaridade da dissonância: a geografia humana é um discurso de integração homem-meio, a geografia física um discurso físico-fragmentário. Se a geografia humana contempla a geografia física em seu seio, a geografia física exclui e deixa o homem de fora em sua visualização da natureza como uma coisa física e dissociada em partes. Se a geografia humana chama para a unidade do olhar integrativo, a geografia física chama para o pragmatismo da ação prática, ao igual que as geociências. O fato é que a geografia humana carecia de uma resposta unitária da natureza, condição sem a qual de pensar unitariamente o homem, condição que entretanto a geografia física não oferecia, tendo que buscar-se a resposta no mundo epistemológico de outras áreas. Uma solução que em tudo se mostra precária.

O grande debate dos 70 torna-se antes de tudo, pois, esse. Era preciso refundar-se a geografia humana, condição necessária a refundar-se a própria Geografia, refundando-se interativamente geografia humana e geografia física ao mesmo tempo. Manter o sentido clássico da integração homem-meio da geografia humana, mas trazendo a geografia física para a noção de natureza que depois de Humboldt a própria Geografia como um todo abandonara.

Na prática, duas condições assim se impunham: refundar a noção de espaço e refundar a noção de natureza. E, nesse ato, refundar a do homem. Sendo assim homem-espaço-natureza então

refundado como o arco uno-diferenciado da integralidade do olhar geografico. De volta a Humboldt e Ritter.

A refundação do conceito do espaço já mostrara o caminho: a troca do já-dado pelo histórico-produzido. Uma vez que entrar no mundo a partir de suas próprias entranhas constitutivas é uma exigência da explicação. Que o conceito de espaço-receptáculo, o espaço-já-dado, obstruía. Trata-se de compreender para além de descrever, pois, que só o sentido de historicidade oferecia. O conceito do espaço-produto-da-história abria para essa possibilidade.

Mas era preciso encaixá-lo no discurso de homem-meio da geografia originária, levando o conceito de natureza, e então de meio e de homem a rever-se na mesma conformidade do real-produto-da-história em que o conceito de espaço se enveredara, mas que a perna físico-fragmentária da geografia física obstava. A saída tinha sido, entretanto, levantada dentro da própria geografia física: a visão apresentada pelo geomorfólogo integrado Jean Tricart, em seu *Ecodinâmica*, uma conferência proferida em 1975, que o IBGE transcreve e publica em livro em 1977. Tricart observava que a Ecologia, com sua impregnação essencialmente biológica, tinha muito a aprender com a geografia física, assim como a geografia física, com sua apreensão fortemente físico-fragmentária, com a Ecologia. Era preciso, pois, enveredar a refundação da geografia física no sentido da ecologia política, assim como a refundação do espaço enveredara no sentido da economia política do espaço. E vencer as resistências dos geógrafos físicos, assim como o tempo todo as resistências dos geógrafos humanos.

O durante

Além disso, a refundação significava duas exigências: assimilar organicamente os novos fundamentos e equilibrar o lado político e o lado científico seja da ecologia política e seja da economia política do espaço. Pressupostos do encontro sociedade-espaço-mundo. Por um bom tempo fez-se mais pensamento geral (basicamente a filosofia e o marxismo) que Geografia. Era preciso reorientar-se o caminho, corrigindo-se um erro de resto metodológico: a refundação foi do pensamento geral (da filosofia e do marxismo) para a Geografia, quando o certo seria da Geografia para o pensamento geral da filosofia e do marxismo. Razão que se explica pela proximidade dos fundamentos. O mesmo elenco-chave de categorias - a natureza, o tempo, o espaço e o homem -, basifica aqueles termos e a Geografia. Mas não é o mesmo o sentido. Não são os mesmos os conceitos. Confundi-se as mediações.

O pressuposto é que refundar significa retomar a geografia humana e a geografia física clássicas a partir de suas próprias bases, prescrevê-las nos fundamentos, revê-las no discurso,

querendo isso dizer manter o caráter integrado do homem e do meio, reafirmar o espaço como categoria de organização da sociedade, do mundo, dos homens, mediatizar no conceito o método descritivo como elemento de análise. Mais ainda, reolhar o homem e a natureza por sua relação de troca metabólica, o meio pelo significado (“é o homem que dá sentido de meio ao meio”, diz Tricart), o espaço pela construção orgânica da sociedade que aí está se erguendo.

A mediação que assim surge, intermediando o movimento da geograficidade, é, então, o arranjo do espaço. Um arranjo de arrumação dinâmica das configurações da relação sociedade-espaço visto já a partir da própria arrumação natural da organização da natureza. Uma natureza diverso-integrada, móvel nas interações e vertical-horizontal no ordenamento do espaço e que tem no próprio homem o agente biótico-abiótico do seu circuito de vida e morte. Que o olhar metabólico da interação ecológica esclarece.

Um desdobramento daí então se faz. Tricart chamara a atenção em sua *Ecodinâmica* para o eixo central da biogeografia nessa dinâmica. E Massimo Quaini em seu *Marxismo e geografia* para a categoria a um só tempo ambiental e espacial do trabalho. Os dois compondo os livros que vão formar o par bibliográfico da refundação, ambos olhando para um homem a um só tempo natural e social como ponto nodal de interação.

O depois

Não basta também apenas recorrer ao enfocamento metabólico, como ambos sugerem a um só tempo. É preciso apreender a relação homem-meio numa ecologia política do espaço e numa economia política do espaço ao mesmo tempo. Significando incorporar a relação homem-natureza na perspectiva do homem-agente-de-transformação, o homem que age como um ser natural e ao mesmo tempo social, o homem histórico em busca da solução dos seus problemas de sobrevivência. Ação que ao tempo que o autoconstrói, reconstrói a natureza e constrói o próprio mundo. E dá o tom metabólico do circuito homem-espaço-natureza de que homem é sujeito social-natural/natural-social a um só tempo.

Cujo ponto de partida é o trabalho. A troca metabólica que é o cerne da totalidade homem-meio. A totalidade do todo onde tudo começa na matéria-prima reservada pelo intemperismo, o material inorgânico vindo da decomposição das rochas que o enriquecimento orgânico da matéria vegetal e da circulação microescalar dos microorganismos vai transformar no solo. Desdobra-se na esteira da combinação da fotossíntese e da cadeia trófica. E ao fim resolve-se no salto de qualidade da história natural na história social que faz do homem o ser autopoietico, o ser que se faz a si mesmo, sujeito e objeto de sua própria geograficidade (MOREIRA, 2020).

O miolo do movimento é, entretanto, a dupla presença do homem nela: o homem presente no circuito da cadeia trófica e o homem presente no circuito da cadeia social. O homem copartícipe do “modo de produção” natural da natureza – a dispensa alimentar da cadeia trófica resultante da fotossíntese - e do modo de produção social da sociedade – a forma social como esta dispensa se amplifica e se resolve como ordem dietética – e pelo metabolismo do trabalho junta na unidade da formação social na qual e segundo a qual vive.

A cadeia trófica é o elo primário da face natural-social da totalidade homem-meio. A cadeia do ecossistema na qual, após transformar os elementos nutrientes do solo e do ar nos açúcares, gorduras e proteínas que precisa para sua reprodução celular e de tecidos, a fotossíntese, a planta passa em seguida como elemento nutriente para os animais em busca da sua reprodução como seres vivos, o animal herbívoro se nutrindo das plantas, os animais carnívoros dos herbívoros e os animais onívoros, o homem por excelência, das plantas e dos animais. O modo social de produção é o elo que a transforma na face social-natural com que a totalidade homem-meio se converte no modo de ser histórico da sociedade. Esta, a sociedade, razão da ação do homem e culminância do movimento da totalidade homem-meio, é a estrutura dentro da qual a troca metabólica do trabalho transforma a cadeia trófica na cadeia societária, a natureza em sociedade e a sociedade no modo de ser-estar do homem no mundo. Curso no qual o homem-natural e o homem social formam o homem-total do dizer de Lefebvre, o ser que, distinguido pelo duplo de pertencer ao mundo da natureza, enquanto membro natural da cadeia trófica, e ao mundo da sociedade, enquanto membro da cadeia social da autorreprodução, move-se como o sujeito-objeto da sua própria da existência.

A geossociabilidade

A transformação da natureza é um ato territorial localizado. Uma atividade que se passa num recorte de espaço definido da superfície terrestre. Aí, o homem encontra os elementos do meio que vai transformar nas condições de vida que precisa, convertendo esse recorte de meio em um lugar social (SILVA, 1991). Qual seja, um todo de relações que geograficamente tem na relação homem-espaço-natureza sua forma elementar de interrelacionamento, a partir, ao redor e sobre a base da qual o homem ergue o todo da totalidade contextual de suas relações. O todo que pela técnica ele sofisticava numa rede de interações espaciais. É assim que emerge o modo de arranjo de espaço da geograficidade. E este arranjo a partir daí cumpre o papel de um estruturador da relação homem-natureza na forma-base da totalidade homem-meio. Às vezes de forma explícita. Às vezes sem aparente conexão direta do homem com o meio. Vê-se isso na diferença da paisagem de uma

sociedade comunitária antiga e uma sociedade moderna. A presença dos transportes e das trocas é o toque de mágica. Local, nas sociedades comunitárias, torna-se cada vez mais global nas de tecnologia avançada. É o que Sorre chamava relação derivada para estas últimas, a relação de interação espacial na qual elementos da natureza são extraídos de um lugar e transformados em meios de subsistência em outro, os elementos da natureza viajando longas distâncias até chegar ao ponto de sua transformação e consumo. Caso típico das sociedades industriais, nas quais a própria indústria fornece os veículos de infraestrutura de transferência – ferrovias, rodovias, redes de transmissão de energia – por meio dos quais a matéria prima, vinda de diferentes lugares, viaja para ser transformada em diferentes meios de consumo em diferentes lugares e diferentes modos de configuração de espaço, inferindo em modos de vida que se alargam num espectro estrutural de arranjo espaço de larga escala de território. Já não é o que ocorre com as sociedades que ainda não se industrializaram, ou não contam com os meios de importação dos meios industriais avançados, como as sociedades comunitárias primitivas, ainda numerosas na superfície do planeta, ou as sociedades agrárias que se mantêm ainda pouco organizadas nas trocas de seus produtos com os de outras áreas industrialmente do mundo.

O espaço e os quadros de geograficidade

Lacoste chama de espacialidade diferencial a essas modalidades de arranjo. De vez que o espaço via o seu arranjo é o elemento estruturado-estruturante que conta. É o que dota a relação homem-meio de uma organização. Define a escala das relações. Determina os termos da existência humana. Torna a geografia o discurso do ser-estar do homem no mundo. E faz do mundo o mundo do homem.

De sua importância diz Pierre George que é tanta, que com base nele se pode classificar as formas de sociedade na história, havendo assim as sociedades sem espaço e as sociedades com espaço. Modo de dizer, uma vez que não há sociedade que não seja uma sociedade organizada. E é o espaço que lhe dá essa condição (George, 1968). Quer George, no entanto, dizer que há sociedades que vivem nos termos da forma espacial natural de paisagem que encontram no meio que vivem, que designa sociedades da natureza sofrida, e há sociedades em que essa paisagem tem já um estatus e uma escala de organização social de tal modo significativas que elas são esse modo de organização espacial propriamente, havendo assim as sociedades espacialmente organizadas com dominante agrícola e as sociedades espacialmente organizadas com dominante industrial. São as formas de sociedade que diríamos comunitárias, pré-capitalistas e capitalistas, considerando o alcance escalar do espaço derivado com que cada qual conta.

Mas é a relação de troca a condição básica dessas estruturas. A própria técnica, suas formas e alcances de escala dela advindo, ou com ela fortemente interagindo. As trocas são uma constante nas relações humanas. Já a contar da relação homem-natureza, a relação talvez de base mais costumeira. Não há sociedade fora da relação homem-natureza, e do ordenamento do arranjo espacial desta, dela podendo-se dizer uma relação sociedade-natureza, na forma de aceção geográfica mais condizente, já que seu cerne é o movimento histórico-social da troca metabólica do trabalho, de que deriva uma natureza cada vez mais socializada, a chamada segunda natureza, embutida na qual permanece a natureza primeira, funcionalmente a mesma, no sentido cognitivo das ciências da terra, mas existindo agora sob uma forma cada vez mais modificada. Relação em que se imbricam as trocas espaciais e as trocas dos produtos da fonte metabólica, que as sociedades conjuminam entre si desde os primeiros albos.

São as trocas, justamente, as relações por trás dos espaços derivados. Por trás do progresso das sociedades. Por trás do arranco das técnicas que jogam o alcance do metabolismo ambiental e espacial a âmbitos de escala cada vez maiores até chegar à globalização de hoje. E levam George a classificar as formas de sociedade à luz também da determinação dos mercados. Tirando delas seus distinções de fundamentos de sociabilidade. É o caso das sociedades do pré-capitalismo, que incluem, mas não se modelam no fundamento das trocas. E das sociedades fundadas desde suas raízes nas relações de trocas mercantis, como no caso das sociedades capitalistas, as sociedades da globalização.

Da paisagem ao espaço: os efeitos do método

Durante grande parte do período clássico o espaço foi confundido com a paisagem. Fato que se deve a que toda forma de natureza existe num ponto determinado da superfície terrestre, distribui-se na sua extensão, delimita-se por um marco de limite, constitui um recorte de área definido nela. A distribuição pela extensão segue uma lógica, a lógica da distribuição da localização, sendo esta lógica o objeto da explicação geográfica, sempre antecedida pela descrição.

A intervenção da técnica e das trocas vai, entretanto, impactar essa visualização simplificada do conceito, mercê da transformação cada vez mais intensa que ela promove nos arranjos da organização geográfica dos eventos, substituindo a paisagem natural pela paisagem humanizada, e criando, assim, a denotação crescente da ideia da paisagem como uma organização humana da sociedade a partir de um visual e de um arranjo de espaço explícitos, liberando e dando ao espaço um sentido teórico até então inexistente. É assim que espaço, técnica e paisagem teórica e empiricamente se juntam, formando um conjugado analítico que aos poucos desloca o olhar

descritivo para o centrado nas categorias da explicação. É quando de ciência da descrição da paisagem, a Geografia se torna a ciência da organização espacial da sociedade pelo homem, base de referência de George, tornado por isso o principal formulador do discurso da forma moderna de Geografia que está aparecendo.

Daí que é George que marca a transição para o novo discurso. E, assim, da Geografia que está nascendo, seu conceito de substrato, o espaço como categoria da organização, logo vindo a substituir-se pela noção do histórico-produzido da nova teoria dos anos 1970. Já não estávamos todavia no já-dado puro dos clássicos. E não estávamos ainda no espaço-produto social da história dos anos 1970. Mas já chegando à concepção que ultrapassa a clássica do receptáculo, o espaço como o substrato do arranjo das paisagens, com a ajuda das remodelagens de George. Assim chegando àquela a que Lacoste se refere sinteticamente ao falar do espaço proclamando o valor de “saber ler o espaço, para nele saber combater e nele se organizar”, chamando a atenção para o poder de sobredeterminação que marca o discurso geográfico de hoje.

A geograficidade é o mundo

O fato é que mundo é a sua organização geográfica. O modo como por meio dela este se estrutura e neste ato estrutura a forma real como vivemos. O modo concreto com que a história existe. O modo real do espaço vivido. E assim o ser-estar do homem no mundo e o mundo como o ser-estar do homem que marca o espaço como escala e grade da geograficidade.

Mundo que é a ordem micro e ordem macro de geossociabilidade, como Armando Correa da Silva também a chamava, falando do lugar geossocial, ajudando a clarificar a noção reinventada por Yves Lacoste e há tempo reclamada por Eric Dardel. Esse todo estruturado de interações espaciais de essência e existência de vida, que encontramos em todos os lugares (SILVA, 1991; DARDEL, 2011; e LACOSTE, 1988).

Bibliografia

DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011 [1952].

GEORGE, Pierre. *A ação do homem*. São Paulo: Difel, 1968.

LACOSTE, Yves. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. São Paulo: Papirus, 1988.

LEFEBVRE, Henri. *La producción del espacio*. Madrid: Capitán Swing, 2013 [1974].

MOREIRA, Ruy. *A torre, o palimpsesto e a expropriação. Olhando Tricart, Aziz Ab` Sáber e Quaini pelos olhos da totalidade homem-meio*. In: Geografia: reflexões, leituras, estudos. São Paulo: Editora Max Limonad/PPGEO-UFF, 2020.

QUAINI, Massimo. *Marxismo e geografia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1979.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova. Da crítica da geografia à geografia crítica*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Armando Correa. *Geografia e lugar social*. São Paulo: Contexto, 1991.

TRICART, Jean. *Ecodinâmica*. Rio de Janeiro: Supren/IBGE, 1977